

## *Lituma nos Andes: o labirinto latino-americano*

Claudia M. Perrone

---

### *1 – Lituma nos Andes*

No início do ano de 1852, Karl Marx publica *Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. Há uma idéia já banalizada neste livro, a admoestação marxiana para aqueles que desejam repetir a história, alusão aos políticos que agiram na história da França como se vissem uma reedição da Revolução de 1789. A repetição, afirma Marx, jamais poderá instituir o novo. O primeiro passo para a verdadeira mudança talvez seja o reconhecimento da paixão revolucionária que, como toda paixão, escraviza a vontade e a imaginação. A paixão exacerbada transforma a matéria histórica em pura dramaturgia, criando um *pathos* nos personagens históricos que os impulsiona para a ação na crença de agirem movidos por uma força superior.

A repetição que iremos analisar já foi chamada de *luminismo Tropical* e sua matéria histórica inicia em julho de 1987. O escritor Mário Vargas Llosa lidera, em Lima, os protestos contra as medidas da nacionalização e estatização dos bancos decretados pelo presidente Alan Garcia. Esse movimento culmina com a sua indicação para a presidência do país nas eleições de 1990.

Vargas Llosa lidera as pesquisas de opinião. Sua campanha é a mais cara já realizada na história do Peru, com um custo estimado entre US\$ 4,5 a 10 milhões. Perde a campanha eleitoral por uma diferença de 23 pontos percentuais para Alberto Fujimori, um desconhecido engenheiro de origem japonesa, cuja única credencial política é o fato de ser ex-reitor da Universidade Agrária.

Derrotado, Vargas Llosa escreve dois livros, *Lituma nos Andes* e *Peixe na água*. *Lituma nos Andes* segue a mesma tendência das obras escritas nos anos 80, *Guerra do fim do mundo* (1982) e *A história de Mayta* (1984), romances centrados no caos, na irracionalidade da violência existente na América Latina e, especialmente, nos movimentos guerrilheiros. *Peixe na água* é uma precoce autobiografia que alterna, em narrativas paralelas, autobiografia e a crônica de sua campanha política. Essas obras guardam, entretanto, muito mais do que uma simples proximidade temporal, elas têm entre si uma relação visceral em que uma ilumina a outra.

*Lituma nos Andes* é apresentado em muitas resenhas como um romance policial. Três homens desaparecem nas montanhas e o cabo Lituma, auxiliado pelo seu ajudante Tomás, deve solucionar o mistério. A primeira surpresa do livro é exatamente o fato de que a investigação policial empalidece ao longo do texto enquanto se define mais claramente os contornos da longa jornada do perplexo Lituma até o entendimento. O mistério evapora e fica uma dúvida: quais são os limites entre a civilização e o puro horror?

Eles estão alojados em um posto da Guarda Civil no meio das montanhas, em Naccos. Lituma acredita que os desaparecidos foram vítimas da violência do terrorismo do Sendero Luminoso, grupo guerrilheiro maoísta onipresente nas montanhas. Talvez eles mesmos estejam sendo observados e terminem desaparecidos. Durante a investigação, emerge outro suspeito: Dionísio, o selvagem e devasso dono do bar local e sua esposa, Adriana. Correm rumores que dona Adriana é uma bruxa que pratica rituais pré-inaicicos associados com sacrifícios humanos.

Lituma fica confuso. Os peões do acampamento não fazem o menor comentário sobre as mortes e não demonstram nenhuma confiança nos dois "estrangeiros". As serras e as pedras da paisagem são vivas e opressivas, povoadas por histórias de terrucos (terroristas) e *pishtacos*, vampiros que se alimentam da gordura humana. A investigação de Lituma ocorre em contraponto as crônicas de violência do Sendero Luminoso e à história melodramática de amor do policial Tomasito com Mercedes Trollos.

A principal instituição de Naccos é o bar de Dionísio e Adriana, onde os peões vão se embriagar de *pisco* todas as noites. Dionísio, antes de chegar a Naccos, andava de vilarejo em vilarejo com um bando de músicos e bailarinos, vestido de urso. A mãe de Dionísio teria sido morta por um raio, como Semele diante da visão de Zeus ao conceber o filho-deus. Por onde ele passa as mulheres ficam loucas. Era conhecido em toda a serra e não havia festa nem velório sem ele. Dionísio vivia cercado por mulheres que de dia cozinham e à noite participavam de orgias.

Diziam dele todas as coisas havidas e por haver, com medo e admiração, mas ninguém sabia realmente grande coisa de sua vida, apenas boatos. Que sua mãe fora carbonizada por um raio numa tempestade, por exemplo. Que tinha sido criado pelas mulheres de uma comunidade de *iquichanos*, ainda idólatras, nas alturas de Huanta. Que enlouquecera, quando jovem, numa missão dos padres dominicanos, e que lhe devolvera a razão o diabo, com o qual fizera um pacto. Que viveu na selva, entre chunchos canibais. Que descobriu o pisco viajando pelos desertos da costa e que, desde então, percorria a selva vendendo-o. Que tinha mulheres e filhos por toda a parte, que morrera e ressuscitara, que era *pishtaco*, *muki*, benzedeiro, bruxo, astrólogo, rbdomante. Não havia mistério ou barbaridade que não atribuíssem a ele. E ele não gostava de sua má fama (Llosa, 1994, p. 196).

Quando Dionísio conhece Adriana presente que ela estava destinada para ele. Adriana aprende com Dionísio a "sabedoria" de ler as linhas da mão, decifrar figuras das folhas de coca e localizar os males dos doentes. Contam que, para casar com ela, Dionísio matou o seu primeiro marido. Para Adriana ele é inocente porque seu marido simplesmente desapareceu nas montanhas.

Noite após noite, Tomasito conta a história de seu romântico amor com a prostituta Mercedes. A sua narrativa tenta equilibrar, principalmente até a primeira metade do livro, os relatos de extrema violência da região. As crônicas da violência mostram as ações do Sendero Luminoso: os turistas franceses, a cientista com preocupações ecológicas, Pedrito Tinoco, o mudo torturado pela Guarda Civil, Casimiro Huarcaya, o albino suspeito de ser um *pishtaco* e Demetrio Chanca, o governador que se salvou milagrosamente do julgamento do Sendero.

A estrada que os peões estão construindo sofre paralisações. O governo ameaça dar um ultimato à construção. O tempo é absolutamente parado, nada acontece. Lituma tem a sensação de que os peões desfazem o percurso da estrada ao invés de retomar a construção. Dionísio insinua, em uma conversa com Lituma, que os desaparecidos, vítimas de uma morte sacrificial, estão no fundo de um túnel qualquer. Lituma reage:

– Vocês são muito crédulos, muito ingênuos – replicou Lituma. – Engolem qualquer bobagem, como essa história do *pishtaco* ou do *muki*, coisas em que ninguém mais acredita em qualquer lugar civilizado" (Llosa, 1994, p. 84).

É exatamente o encontro com o homem "civilizado" que começa a desestabilizar sua firme opinião. O "gringo", doutor Paul Stirmsson, definido como um humanista dinamarquês, explica



com credulidade que os *apus* são os espíritos tutelares dos cerros e das montanhas. Cada elevação dos Andes tinha o seu deus protetor. Quando os espanhóis chegaram, destruindo os ídolos e proibindo os cultos, parecia que a idolatria estava acabada. Mas os *apus*, mesclados com ritos cristãos, continuaram reinando sobre a vida e a morte.

Em uma breve lição histórica, o doutor assevera para Lituma que a antiga cultura dos Andes era a dos *huanacas*, uma cultura que foi apagada pelos incas. Os incas ficaram com a boa imagem, a de conquistadores tolerantes, que adotaram os deuses dos vencidos. Mas, ensina o professor, essa idéia não passa de um mito histórico. O império incaico foi brutal com os povos que não se submetiam docilmente. Eles expulsaram os *huanacas* e os *chanacas* da história. Destruíram suas cidades e os espalharam através de exílios em massa de populações. Os rastros de crenças e costumes desses povos foram totalmente apagados.

Os *huanacas*, diz Stirrsson, não têm a simpatia dos historiadores modernos porque ajudaram os conquistadores espanhóis contra os exércitos incas. Para o professor eles teriam apenas seguido um antigo princípio: os inimigos de nossos inimigos são nossos amigos. Os espanhóis terminaram por submetê-los de modo mais cruel do que os incas e a história registrou os *huanacas* com escassas referências de homens com hábitos ferozes e colaboradores do invasor.

O professor conclui:

“Eu me pergunto [...] se o que acontece no Peru não é uma ressurreição de toda essa violência represada. Como se tivesse estado escondida em algum lugar e, de repente, por alguma razão aflorasse de novo à superfície (Llosa, 1994, p. 144).

Ele segue lamentando a morte da ecologista Hortência como um fato irracional. Lituma interroga o professor sobre a possível ligação entre a cultura de *chanacas* e *huanacas*, desaparecimentos e sacrifícios humanos:

“- Não o faziam por crueldade, mas porque eram muito religiosos – explicou-lhe – Era seu modo de demonstrar respeito aos espíritos do monte, da terra, dos que iam perturbar. Faziam isso para que não houvesse represálias contra eles. Para assegurar sua sobrevivência. Para que não houvesse desmoronamentos, *huaycos*, para que o raio não caísse e os queimasse nem transbordassem as lagunas. É preciso entendê-los. Para eles não havia catástrofes naturais. Tudo era decidido por uma vontade superior, que tinha que ser conquistada com sacrifícios” (Llosa, 1994, p. 146).

Lituma é tomado por um terrível pressentimento: talvez os “dois selvagens” possam estar certos na sua explicação para os desaparecimentos. Os episódios ocorridos em Lima, relacionados com o roubo dos olhos de crianças, também estavam sendo atribuídos a *pishtacos*. Até na capital do Peru as pessoas começavam a acreditar nessas coisas. (...) *ler e escrever, usar paletó e gravata, ter ido ao colégio e vivido na cidade não adianta mais. Só os bruxos entendem o que acontece* (Llosa, 1994, p. 153).

Na volta para Naccos, depois da conversa com Stirrsson em La Esperanza, Lituma conclui que os *serruchos* deveriam ter sacrificado os desaparecidos para os *apus*. Essa era a melhor hipótese para os desaparecimentos. Desolado, pensa que o professor solucionou o caso. Fica surpreso ao perceber que finalmente entendeu para que servia a história:

“[...] nunca lhe passou pela cabeça que estudar os costumes dos antigos peruanos pudesse ser útil para entender o que estava acontecendo em Naccos. [...] Como era possível que esses peões, muitos deles mestiços, que tinham pelo menos o curso primário, que tinham conhecido as cidades, que ouviam rádio, que iam ao cinema, que se vestiam como cristãos, fizessem coisas de selvagens pelados e canibais?” (Llosa, 1994, p. 164-5).

Lituma ouve trovões remotos, há um ronco profundo e um estremecimento da terra. O céu escurece e começa um terremoto, era o *huayco*. Lituma sobrevive e agradece, quase sem perceber, ao *apu*. Essa foi a iniciação de Lituma nos mistérios das montanhas. Após esse episódio, a voz de dona Adriana conta a história do *pishtaco* Salcedo e de como sua irmã foi entregue em sacrifício. Um estrangeiro chega na cidade e diz que irá acabar com o *pishtaco*, enfrenta o labiríntico caminho até a caverna de Salcedo e termina por matá-lo. O herói é o primeiro marido de dona Adriana. É uma história, como ela mesma define, de cadáveres e merda, como toda história de *pishtaco*.

O *huayco* provoca uma paralisação das obras e a desativação da construção da estrada. Naccos será abandonada por todos. Mercedes chega na cidade procurando Tomasito. Lituma vai até a cantina onde acompanha o sacrifício do albino Casimiro Huarcava, o último desaparecido. Ele tem uma conversa esclarecedora com um peão, que marca o fim da sua investigação sobre as mortes. Aturdido, Lituma ouve o pior da história:



"- O gosto na boca [...]. - Não passa, por mais que a gente lave. Agorinha ainda estou sentindo. Aqui na minha língua, em meus dentes [...]. Como se estivesse acabando de mastigar. - Todos comungaram e, embora eu não quisesse, também comunguei [...]. É isso que esta me fodendo. Os bocados que engoli" (1994, p. 252).

## 2 - O labirinto latino-americano: O peixe na água

O jornalista Paul Gray, na sua resenha para a revista *Time*, nota que em *O peixe na água* Vargas Llosa está muito mais preocupado em lembrar o passado do que interpretá-lo. Gray fez essa afirmativa referindo-se aos capítulos relacionados com a infância e juventude do autor, mas certamente a observação poderia ser estendida ao relato da sua campanha política, o que não deixa de ser surpreendente.

Vargas Llosa mergulhou na política depois de participar dos protestos, em julho de 1987, contra as medidas de nacionalização e estatização dos bancos decretadas pelo presidente Alan García. Ele justifica a decisão de aceitar a candidatura a presidência como uma obrigação moral que não lhe deixou escolha. A organização da nem sempre homogênea Frente Democrática era a única alternativa contra o poder maléfico do nacionalismo e do corporativismo, representados pelos aliados do presidente García, responsáveis pelo atraso e pela miséria do Peru.

O relato da campanha toma a forma exata de uma crônica, com o registro, em ordem cronológica, dos fatos, sem causas ou consequências. É um mundo privado de história, onde prevalece a ordem do tempo, tanto no relato de Vargas Llosa como na sua própria percepção do povo peruano: eles vivem, enfrentam o terror, morrem e são incapazes de pensar sobre a vida, seus erros e deveres. Esse mundo segue uma ordem trágica que *chega, golpeia e parte*. Essa ordem anódida não entendeu a tarefa civilizatória do herói fundador Vargas Llosa, que desejava explicar às massas as vantagens do neoliberalismo e da desestatização. O que não fosse fundado nessa ordem racional seria simplesmente a expressão do caudilhismo latino-americano e o seu discurso engenhoso.

O único movimento que se esboça é o de uma crise política muito peculiar porque não tem nem início nem fim. Há o movimento da crise, mas não sua explicação. O relato da campanha vai

se encadeando através de pequenas histórias corriqueiras: um encontro, uma visita, um decreto, uma conversa, até mesmo a morte de correligionários, sempre com o mesmo tom de fatos miúdos, carregados com a força do afeto, que vão transformando a história em matéria dramática. O herói civilizador Vargas Llosa, sob os efeitos dramáticos da imaginação, cria um *pathos* que o impele para a ação. O país é vítima de um mal absoluto, para mais além do mal político, que não pode ser nomeado, ele é visível, mas incognoscível. E apenas uma imagem:

"A recordação mais pavorosa que guardo daqueles dias foi minha chegada, numa manhã tórrida, a uma pequena localidade entre Ignacio Escudero e Cruceta, no vale do Chira. Armada com paus e pedras e todo tipo de armas contundentes, veio receber-me uma horda enfurecida de homens e mulheres de traços deformados pelo ódio, pessoas que pareciam ter saído do fundo dos tempos, de uma pré-história em que o ser humano e o animal se confundiam porque para ambos a vida era uma luta cega pela sobrevivência. Seminus, com cabelos e unhas compridíssimos que jamais haviam visto uma tesoura, rodeados de crianças esqueléticas e barrigudas, rugindo e vociferando para estimularem-se uns aos outros, eles se precipitaram para cima da caravana como quem luta para salvar a vida ou busca a imolação, com uma temeridade e uma selvageria que diziam tudo sobre os níveis de deterioração quase inconcebíveis a que a vida havia desido para milhões de peruanos. O que eles estavam atacando? De que se defendiam? Que fantasmas estavam por trás daqueles ameaçadores porretes e navalhas? (Llosa, 1994, p. 506-507).

*Lituma nos Andes* é a percepção do imaginário histórico relatado como uma crônica em *O peixe na água*. O impronunciável sobre o labirinto latino-americano, o *inconsciente político* que não pode ser analisado no livro de memórias aparece com toda a sua força em *Lituma nos Andes*: a ocidentalização do Peru não se realiza porque a horda selvagem é regida por uma desmedida e incontrollável força destruidora: o próprio Dionísio com sua Ariadne em Naxos. A complementariedade existente entre as duas obras delinea uma verdadeira teoria sobre o Terceiro Mundo e o seu subdesenvolvimento: é um mundo ordenado por um arcaísmo mítico, obscurantista, com uma violência constitutiva que assombra a psique do Novo Mundo desde a chegada de Cristóvão Colombo, como cogitou o personagem Stirmsson.

A sondagem profunda do coração da América revela o mundo de Dionísio despedaçado, que celebra a animalidade que habita o homem com danças, bebidas e carne humana dilacerada, numa

“alegria” próxima demais da crueldade. O registro do mito projetado em seus mínimos detalhes sobre a alma coletiva peruana, sem sequer a sutileza de uma variante, faz dos Andes uma colônia mitológica submetida ao imperialismo dos deuses gregos conjurando seu complemento apolíneo. E nesta chave se inscreve a tarefa da razão libertadora representada pelo herói esclarecido, o portador da luz. Só Apolo pode lidar com o irmão Dionísio.

Marie-Claude Dana, no seu artigo sobre *Lituma nos Andes* no *Le Monde Diplomatique*, entende que a onipresença dos *pishtacos* e dos *apus* como alegorias das *bêtes noires* do coletivismo do Sendero Luminoso e do nacionalismo como ideologia do governo Alan Garcia, duas forças que desagregam o indivíduo. Por coerência ideológica com o liberalismo, sustenta Dana, Vargas Llosa defende o indivíduo, pois só a sociedade de indivíduos é o *summum* da civilização.

No romance, realmente, a única história bem sucedida é a do amor de Tomasito por Mercedes, como se a única alternativa possível para a violência estivesse restrita à história individual. O que Dana não percebe é que Vargas Llosa com a sua ficção revela muito mais do que a situação política. Lituma termina o livro perplexo e confuso não com um crime, com uma situação conjuntural, mas com uma arqueologia do Peru. Revela-se a ligação entre a brutalidade da realidade e a violenta imaginação que a mantém. É um mal metafísico, atávico, que extrapolou o político – ou melhor, nunca chegou a sê-lo –, e se mantém com a antropofagia e o silêncio.

Não existe nenhuma redenção do sujeito político. O Sendero Luminoso continuará com a sua destruição. Dionísio e Adriana recomeçarão em outra província. Os trabalhadores assumirão outro trabalho interminável. É o eterno retorno, onde o caos e a anarquia permanecerão em meio a irrupções irracionais de violência. Não há política nem história nesse final melancólico. Existe a força mítica da natureza que tudo vence. É o país que, como diz Stirmsson, não pode ser entendido e, diante disso, não há nada mais atraente do que a regência arquetípica de um indecifrável mistério. *Lituma nos Andes* desenvolve-se aquém do político e da história.

Não deixa de ser irônica a inversão da ordem entre história e ficção que se estabelece nessas duas obras de Vargas Llosa. A matéria histórica, presente no *Peixe na água*, é tomada pela dramaturgia e pela retórica, criando o *pathos* do herói civilizador, moldado na forma mítica de um Febos Apolo, portador da luz. A matéria

ficcional de Lituma nos Andes, cheia de ecos do grande medo burguês de 1789 e das “teorias” coloniais sobre povos do Novo Mundo, realizou a interpretação silenciada da matéria histórica, relegando aos deuses sua genealogia.

Se no solo grego a complementariedade entre os irmãos Dionísio e Apolo gerou a tragédia em sua historicidade, nos Andes, a mera transposição mitológica dessa mesma dinâmica não poderia senão gerar uma farça literária e política tão justamente de acordo com as premissas do *Dezoito Brumário*.

### Referências bibliográficas

- DANA, Marie-Claude. Lituma dans les Andes. *Le Monde Diplomatique*, p. 30, 1996.
- GRAY, Paul. Mountains of Trouble. *Time*, n. 7. v. 147, 1996.
- VARGAS LLOSA, Mario. *Lituma nos Andes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- . *Peixe na água*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.